

O papel do reforçamento positivo e da orientação parental no manejo de comportamentos infantis na terapia cognitivo-comportamental: uma revisão de literatura

The role of positive reinforcement and parental guidance in the management of child behaviors in cognitive-behavioral therapy: a literature review

Bernardo Martins Neto¹
Lauciani Leites²
Laryssa Karas³

RESUMO: Este artigo analisa o papel do reforçamento positivo no manejo de comportamentos infantis, considerando sua integração à orientação parental e à Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). O reforçamento positivo é compreendido como a apresentação de uma consequência favorável após um comportamento adequado, aumentando a probabilidade de sua repetição. A orientação parental é destacada como estratégia fundamental, pois os cuidadores atuam diretamente na aplicação de consequências, na organização de rotinas e na promoção da regulação emocional. Estudos indicam que respostas parentais baseadas no acolhimento, na validação e na resolução de problemas favorecem comportamentos adaptativos, enquanto práticas punitivas, negligentes ou inconsistentes podem intensificar dificuldades emocionais e comportamentais. A mudança comportamental ocorre por meio da combinação entre contingências reforçadoras, consistência parental, reestruturação cognitiva, tarefas graduadas, experimentos comportamentais e desenvolvimento da compreensão emocional. Conclui-se que a integração entre princípios comportamentais e cognitivos possibilita intervenções mais éticas e eficazes, contribuindo para o fortalecimento da autoestima, da autoeficácia, da regulação emocional e da autonomia infantil.

Palavras-Chave: Reforço positivo, Parentalidade, Terapia Cognitivo-Comportamental, Comportamento infantil, regulação emocional.

Abstract: This article analyzes the role of positive reinforcement in managing child behavior, considering its integration into parental guidance and Cognitive Behavioral Therapy (CBT). Positive reinforcement is understood as the presentation of a favorable consequence following an appropriate behavior, increasing the likelihood of its recurrence. Parental guidance is highlighted as a fundamental strategy, as caregivers directly apply consequences, organize routines, and promote emotional

¹Acadêmico do curso de Psicologia, 10º período, Centro Universitário Campo Real.

²Acadêmico do curso de Psicologia, 10º período, Centro Universitário Campo Real.

³Laryssa Karas, docente do curso de psicologia do Centro Universitário Campo Real. E-mail: prof_laryssakaras@camporeal.edu.br

regulation. Studies indicate that parental responses based on warmth, validation, and problem-solving foster adaptive behaviors, whereas punitive, neglectful, or inconsistent practices can intensify emotional and behavioral difficulties. Behavioral change occurs through the combination of reinforcing contingencies, parental consistency, cognitive restructuring, graded tasks, behavioral experiments, and the development of emotional understanding. It is concluded that integrating behavioral and cognitive principles enables more ethical and effective interventions, contributing to the strengthening of self-esteem, self-efficacy, emotional regulation, and child autonomy.

Keywords: Positive reinforcement, Parenting, Cognitive Behavioral Therapy (CBT), Child behavior, Emotional regulation.

1 INTRODUÇÃO

A infância é uma etapa marcada pelo desenvolvimento de cada ser humano, na qual a criança se desenvolve e descobre suas habilidades comportamentais, cognitivas e emocionais. É nesta fase que a criança aprende a se expressar, relatar suas necessidades, lidar com as suas frustrações, compreender as próprias emoções e estabelecer relações sociais. Entretanto, ações comportamentais como birras, desobediência, agressividade e dificuldades de autorregulação podem surgir representando desafios relevantes para os pais, cuidadores, professores e profissionais da Psicologia. Diante dessas situações, punições ainda são frequentemente utilizadas sob a forma de broncas, produzindo mudanças nos comportamentos das crianças. Da mesma forma, Curvello e Mendes (2020) apontam que as estratégias utilizadas pelos pais para lidar com as emoções dos filhos influenciam o desenvolvimento da regulação emocional.

Diante disso, o presente artigo apresenta como problema de pesquisa a seguinte questão: de que maneira o reforçamento positivo, aplicado por meio da orientação parental, contribui para o manejo de comportamentos infantis na perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental?

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de discutir práticas educativas que sejam eficazes, não violentas e compatíveis com o desenvolvimento infantil. Pesquisas indicadas e ameaças. Embora essas ações possam interromper de maneira momentânea um comportamento inadequado da criança, nem sempre ensinam à criança formas mais adaptativas de agir.

Nesse contexto apresentado, o reforçamento positivo integra uma estratégia relevante para o manejo de comportamentos infantis. Na Terapia

Cognitivo-Comportamental (TCC), esse princípio é integrado à compreensão dos pensamentos, das emoções e dos comportamentos, considerando que as experiências da criança também participam da construção de crenças sobre si mesma e sobre suas capacidades (Beck, 2022). Assim, elogios, atenção, carinho e reconhecimento podem contribuir tanto para o fortalecimento de comportamentos adequados quanto para o desenvolvimento da autoestima e da autoeficácia.

A orientação parental ocupa posição central nesse processo, pois os cuidadores são os principais responsáveis pela aplicação cotidiana das consequências e pela organização do ambiente infantil. Rafihi-Ferreira, Pires e Silveiras (2019), ao analisarem uma intervenção comportamental para insônia infantil, verificaram que a orientação aos pais, associada ao reforçamento positivo e à organização de rotina que reações parentais punitivas, negligentes ou inconsistentes podem prejudicar a regulação emocional e intensificar dificuldades comportamentais (Oliveira; Gurtat; Reis, 2018; Henriques; Rosa; Merçon-Vargas, 2025). Em contrapartida, o reforçamento positivo pode favorecer a aprendizagem de comportamentos adaptativos, especialmente quando aplicado de forma específica, contingente e consistente. Ferreira et al. (2021) demonstraram que consequências sociais e tangíveis aumentaram a frequência de comportamentos desejados em crianças, enquanto Porto et al. (2011) evidenciaram que determinadas experiências de incontabilidade podem dificultar aprendizagens posteriores sob reforçamento positivo e sua aplicação em diferentes situações e contextos.

As principais pesquisas sobre a temática concentram-se em diferentes aspectos. Ferreira et al. (2021) investigaram experimentalmente os efeitos da modelação e do reforçamento positivo no comportamento alimentar infantil. Rafihi-Ferreira, Pires e Silveiras (2019) analisaram a orientação parental no manejo da insônia infantil. Curvello e Mendes (2020) estudaram as estratégias parentais de regulação emocional, enquanto Oliveira, Gurtat e Reis (2018) investigaram as reações dos pais diante da expressão de raiva dos filhos. Prado et al. (2014) discutiram o apoio social e o reforço positivo em adolescentes, e Franco e Santos (2015) analisaram o desenvolvimento da compreensão emocional. Esses estudos, articulados aos pressupostos da TCC apresentados por Beck (2022) e Leahy (2018), contribuem para compreender a relação entre comportamento, cognição, emoção e práticas parentais. Assim, o objetivo geral deste artigo é analisar o papel do reforçamento positivo e da orientação parental no manejo de comportamentos

infantis na perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental. Como objetivos específicos, pretende-se: conceituar o reforçamento positivo e diferenciá-lo da recompensa e do suborno; discutir como a orientação parental é realizada no manejo de comportamentos infantis; analisar como crianças e pais respondem às práticas de reforçamento; compreender os mecanismos envolvidos na mudança de comportamento e integrar os princípios comportamentais e cognitivos à prática da TCC infantil. Para alcançar esses objetivos, será realizada uma revisão teórica e bibliográfica com base em livros clássicos da TCC e da análise do comportamento, especialmente Beck (2022), Leahy (2018), além dos artigos científicos selecionados sobre reforçamento positivo, orientação parental, regulação emocional e desenvolvimento infantil.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter exploratório e descritivo, com a finalidade de analisar, de forma profunda, o papel do reforçamento positivo na orientação parental e no manejo de comportamentos infantis. Essa temática ganha relevância ao ser analisada a partir de sua articulação com a parentalidade, a regulação emocional e a Terapia Cognitivo-Comportamental.

A pesquisa fundamentou-se na análise de artigos científicos e livros relacionados ao reforçamento positivo e às suas relações com a orientação parental, o comportamento infantil, a regulação emocional e a Terapia Cognitivo-Comportamental. Dessa forma, buscou-se compreender, de maneira clara e específica, como esses elementos são discutidos na literatura e como podem contribuir para a promoção de comportamentos adequados no contexto familiar e clínico.

De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir da análise de materiais já publicados, possibilitando ao pesquisador aprofundar o conhecimento sobre determinado tema e fundamentar o estudo em referenciais teóricos consolidados. Lakatos e Marconi (2010) ressaltam que esse tipo de investigação possibilita identificar, de forma relevante, contribuições, limitações e lacunas presentes nas discussões acadêmicas e institucionais. Assim, a escolha dessa abordagem metodológica justifica-se pelo fato de a análise ter sido realizada

com base em fontes documentais e teóricas, sem envolver observação empírica direta ou coleta de dados com participantes.

A busca bibliográfica foi realizada na base de dados PePSIC, com o objetivo de identificar artigos científicos brasileiros publicados em língua portuguesa entre 2011 e 2026. Inicialmente, foram utilizados termos relacionados aos principais temas da pesquisa, como parentalidade, regulação emocional e comportamento infantil. Em seguida, a busca foi ampliada, de forma específica, com expressões associadas ao reforçamento positivo, à orientação parental e à Terapia Cognitivo-Comportamental.

Para tornar o processo de seleção mais delimitado, foram aplicados filtros relacionados à produção científica brasileira, ao idioma português, à área da Psicologia, às Ciências Humanas e às Ciências da Saúde, bem como à disponibilidade clara dos textos para consulta e citação. Na busca relacionada à parentalidade, foram identificados inicialmente 690 artigos, dos quais 22 foram selecionados após a aplicação dos filtros estabelecidos. Para o tema da regulação emocional, foram encontrados 351 artigos, sendo 45 incluídos após a aplicação dos critérios definidos. Em relação ao comportamento infantil, foram identificados 803 artigos, dos quais 33 permaneceram após o processo de filtragem. Além dessas buscas, foi realizada uma busca complementar, que identificou 77 artigos, dos quais 21 foram selecionados de acordo com os critérios relacionados à temática da pesquisa. Os resultados não foram somados diretamente, pois um mesmo artigo poderia ser identificado em mais de uma estratégia de busca, ocasionando duplicidade entre os resultados.

Foram incluídos artigos brasileiros publicados em língua portuguesa entre 2011 e 2026, vinculados às áreas de Ciências Humanas, Ciências da Saúde ou Psicologia e relacionados, de forma direta, à parentalidade, à família, à regulação emocional, ao comportamento infantil, ao reforçamento positivo ou à Terapia Cognitivo-Comportamental. Foram excluídos textos duplicados, trabalhos publicados fora do período estabelecido, estudos redigidos em outros idiomas, produções sem relação direta com o tema e artigos que não contribuíssem para os objetivos da pesquisa.

Após a análise da pertinência dos materiais e de sua adequação aos critérios estabelecidos, foram selecionados 10 artigos científicos e 4 livros, utilizados na

construção da fundamentação teórica. A seleção foi realizada de forma clara e específica, considerando a contribuição de cada material para a compreensão do reforçamento positivo, da orientação parental e de suas relações com o comportamento infantil e a Terapia Cognitivo-Comportamental.

Os estudos foram organizados e analisados qualitativamente com base em cinco eixos temáticos: definição do reforçamento positivo; aplicação da orientação parental; percepção do reforçamento positivo por crianças e pais; mecanismos envolvidos na mudança comportamental; e articulação desses elementos com a Terapia Cognitivo-Comportamental.

Essa organização permitiu relacionar, de forma relevante, as contribuições dos autores e compreender, de maneira clara, como os princípios comportamentais e cognitivos foram discutidos na literatura selecionada. Além disso, possibilitou analisar, de forma específica, as contribuições do reforçamento positivo para a orientação parental, a regulação emocional e o manejo de comportamentos infantis.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 O que é o reforço positivo?

O reforçamento positivo é um conceito central da análise do comportamento que também fundamenta a prática da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC).

Na perspectiva da TCC, o princípio do reforço é incorporado à prática clínica por meio de estratégias como a ativação comportamental e o agendamento de atividades que geram sensações de domínio e prazer. O terapeuta é orientado a reforçar qualquer progresso do paciente, por menor que seja, reconhecendo que comportamentos seguidos de consequências positivas tendem a se repetir (Beck, 2022). Complementarmente, Leahy (2018) destacou que o reconhecimento deve ser específico e contingente ao comportamento-alvo, e não genérico. O autor descreveu o autorreforço como técnica em que o paciente aprende a se recompensar por pequenos avanços, princípio que se aplica igualmente ao manejo infantil: elogios descritivos ("gostei de como você guardou seus brinquedos sem que eu precisasse pedir") ensinam à criança exatamente qual comportamento está sendo valorizado.

Já para autores como Ferreira et al. (2021), um comportamento é considerado reforçado quando suas consequências aumentam a probabilidade futura de sua ocorrência. Em estudo experimental com pré-escolares, os autores utilizaram reforçadores tangíveis (adesivos, brinquedos) e sociais (elogios como

"Muito bem!"), demonstrando que as consequências desejáveis para a criança elevam significativamente a frequência do comportamento desejado, que, no caso do experimento, era o consumo de frutas.

O reforço positivo, nesse sentido, seria a contingência em que a resposta é seguida por uma consequência que a fortalece. Os autores demonstraram, ainda, que histórias de incontrolabilidade podem prejudicar a aprendizagem sob reforço positivo. É importante diferenciar reforço positivo, recompensa e suborno; o reforço é uma consequência planejada, a qual é apresentada depois do comportamento adequado. O suborno, ao contrário, é oferecido antes do comportamento, geralmente em situações de crise, o que pode ensinar à criança que comportamentos inadequados são formas eficientes de obter benefícios (Porto et al., 2011).

3.2 Como é feita a orientação parental?

A orientação parental constitui uma das principais estratégias de manejo de comportamentos infantis na TCC. O manejo comportamental depende da participação ativa dos cuidadores, que são os agentes com maiores oportunidades de aplicar consequências consistentes no cotidiano da criança. Rafihi-Ferreira, Pires e Silves (2019) descreveram um programa de orientação parental para insônia infantil conduzido em cinco sessões com a mãe, envolvendo educação sobre o sono, estabelecimento de rotina pré-sono, uso de reforço positivo e técnicas de extinção. O estudo demonstra que, ao mudar o comportamento dos pais (reduzindo contato físico e falas excessivas, e passando a reforçar comportamentos adequados para permanecer na cama), os comportamentos das crianças também se modificaram. Na perspectiva da socialização emocional, Curvello e Mendes (2020) mostraram que os pais ensinam, direta e indiretamente, como a criança deve lidar com as emoções. Estratégias de suporte como acolher, conversar, e ressignificar a situação favorecem a regulação emocional infantil, enquanto estratégias punitivas e negligentes a prejudicam. As autoras destacaram que a própria regulação emocional dos pais influencia a qualidade da disciplina aplicada.

Oliveira, Gurtat e Reis (2018) identificaram seis categorias de reações parentais à expressão de raiva dos filhos: distração, reação centrada no problema, validação da emoção, reação punitiva, minimização e reação perturbada. As reações adaptativas (centrada no problema, validação e distração) ensinam à criança formas

saudáveis de lidar com a raiva, enquanto as reações punitivas e de minimização tendem a manter ou agravar os comportamentos. Beck (2022) complementa essa discussão ao tratar do envolvimento de familiares no tratamento: o terapeuta realiza psicoeducação com a família, explica o modelo cognitivo e ensina como apoiar o paciente, transformando o familiar em aliado do processo terapêutico, a mesma lógica da orientação parental na TCC infantil.

A importância do preparo dos cuidadores também é evidenciada por Czelusniak et al. (2023), que, ao estudarem cuidadoras de acolhimento institucional, verificaram que a falta de orientação técnica para responder às demandas emocionais das crianças gera insegurança e fragmentação do cuidado. Já Henriques, Rosa e Merçon-Vargas (2025) demonstraram, em contraponto, as graves repercussões da ausência de cuidado adequado: práticas parentais hostis e negligentes, caracterizadas como processos proximais inversos, prejudicam a autoestima, a regulação emocional e o desempenho acadêmico ao longo da vida.

3.3 Como o reforço positivo é visto pelas crianças e pelos pais?

A percepção do reforço positivo por crianças e pais é mediada por fatores sociais, cognitivos e contextuais. Prado et al. (2014) investigaram o apoio social como forma de reforçar a prática de atividades físicas em adolescentes e verificaram que o reforço positivo da família foi o tipo de apoio mais relatado. Já o reforço positivo dos amigos aumentou em 81% a probabilidade de prática entre os meninos, evidenciando que, na adolescência, a valorização dos pares ganha relevância. Conforme Beets et al. (2010 apud Prado et al., 2014), o reforço positivo é um tipo de apoio social, caracterizado por encorajamento e incentivo.

Segundo as pesquisas de Oliveira, Gurtat e Reis (2018), existem diferenças de gênero no manejo parental: pais e mães utilizaram mais minimização com os meninos e distração com as meninas, e os pais apresentaram maior dificuldade em identificar gatilhos de raiva nas filhas. Esses achados indicam que a forma como o adulto reage às emoções da criança ensina a ela como deve lidar com as próprias emoções, configurando um efeito transgeracional da socialização emocional. Silva e Pessoa (2025) acrescentam a dimensão contextual: mães menos satisfeitas e seguras em relação à moradia relataram filhos com maior instabilidade emocional. O estresse familiar e a falta de recursos favorecem práticas coercitivas e severas, enquanto mães com maior escolaridade tendem a apresentar repertórios mais

amplos de práticas educativas positivas. O bem-estar do cuidador, portanto, influencia diretamente a qualidade do reforço oferecido à criança.

Na TCC, deve-se ter atenção para a distorção cognitiva de minimização do positivo, na qual as pessoas menosprezam o elogio ("qualquer um conseguiria", "não foi nada"). Esse fenômeno é diretamente relevante para o manejo infantil, pois crianças com baixa autoestima podem não internalizar o reforço positivo, exigindo que os pais aprendam a lidar com essa resistência (Beck, 2022). Leahy (2018) aprofundou essa questão ao apresentar o modelo de esquemas emocionais: as crenças que a pessoa desenvolve sobre as emoções como "sentir raiva é errado" e "chorar é fraqueza" moldam a forma como ela reage às próprias emoções e às dos outros. No contexto parental, as crenças dos pais sobre emoções guiam a maneira como respondem às emoções dos filhos.

Franco e Santos (2015) mostraram que a compreensão emocional se desenvolve em fases: externa, mental e reflexiva, e depende da linguagem e das interações sociais com adultos e pares. Crianças que compreendem melhor as emoções apresentam melhores resultados acadêmicos e menos problemas comportamentais, o que reforça a importância de práticas parentais que validem e nomeiem as emoções.

3.4 Como ocorre a mudança de comportamento?

A mudança comportamental resultante do reforço positivo ocorre através da articulação entre os mecanismos comportamentais e os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem. Ferreira et al. (2021) demonstraram experimentalmente que o reforço contínuo aumenta rapidamente a frequência do comportamento, enquanto a introdução gradual do reforço intermitente pode contribuir de forma significativa para a manutenção ou a redução do consumo, de acordo com o esquema utilizado. Os pesquisadores observaram também que, na ausência das consequências programadas, o comportamento tende a diminuir, o que demonstra a importância da manutenção do reforço para a estabilidade da mudança comportamental. Já a diminuição dos comportamentos inapropriados não foi identificada de forma imediata. Houve de início um aumento temporário dessas respostas, fenômeno que foi denominado explosão de extinção. Após essa elevação inicial, os comportamentos diminuíram; contudo, retornaram de maneira relevante quando a mãe deixou de manter a regularidade no acompanhamento, o que

demonstrou o papel e a importância da continuidade parental na manutenção da mudança comportamental (Rafih-Ferreira; Pires; Silves, 2019).

Os resultados demonstrados por Porto et al. (2011) evidenciaram claramente que os participantes que possuíam históricos de perdas incontroláveis apresentaram desempenho comprometido nas tarefas de aprendizagem sob reforço positivo, o que pode ser compreendido dessa forma, a partir do fenômeno do desamparo aprendido. De acordo com as ideias de Maier e Seligman (1976 apud Porto et al., 2011), a vivência de eventos não controláveis pode estar associada de maneira substancial ao desenvolvimento de déficits motivacionais, cognitivos e emocionais, com efeitos sobre aprendizagens realizadas posteriormente. Essa análise apresenta implicações evidentes para a clínica infantil, pois as experiências marcadas pela imprevisibilidade ou por práticas excessivamente punitivas podem prejudicar significativamente a aprendizagem de respostas diante de consequências positivas.

A mudança, de acordo com a perspectiva cognitiva apresentada por Beck (2022), não dependeu exclusivamente da forma que ocorre a transformação dos pensamentos, mas também das modificações das ações. Por isso, no processo terapêutico é possível incluir a reestruturação cognitiva, voltada à identificação e à reformulação de pensamentos automáticos, crenças intermediárias e crenças centrais; os experimentos comportamentais, utilizados para avaliar, de forma específica, a validade dessas crenças na prática; e as tarefas graduadas, que organizam as mudanças em etapas de forma progressiva. Assim sendo, o princípio de “fazer antes de sentir” demonstra a ideia de que agir de maneira diferente pode, sim, favorecer mudanças cognitivas e emocionais relevantes.

Segundo as ideias de Leahy (2018), as mudanças podem ser promovidas através de repertórios diversificados de técnicas, como a ativação comportamental, a programação de atividades prazerosas, o autorreforço, a regulação emocional, a tolerância ao sofrimento, a atenção plena, a resolução de problemas e o ensaio comportamental. Configura-se como uma abordagem multimodal, na qual os pensamentos, as emoções e os comportamentos são trabalhados de maneira integrada e objetiva.

Conforme Curvello e Mendes (2020), a reavaliação cognitiva se constitui como uma estratégia relevante diante da necessidade de uma regulação emocional. Gross e John (2003 apud Curvello; Mendes, 2020) explicaram de forma clara e objetiva que tal estratégia envolve atribuições relevantes de novos significados às

situações, de modo a reduzir ou modificar seu impacto emocional. Na prática com as crianças, essa estratégia pode ser utilizada com o objetivo de ajudá-las a ressignificar as experiências frustrantes que vivenciaram, como no exemplo: “você não perdeu o jogo; está aprendendo a jogar”. Portanto, a intervenção cognitiva complementa o reforço de comportamentos adaptativos de forma relevante.

De acordo com Franco e Santos (2015), a capacidade de regular cognitivamente os comportamentos é um elemento importante para a mudança comportamental, e desta forma, pode favorecer de maneira fundamental o desenvolvimento da compreensão emocional. Ao reconhecer, nomear e compreender as emoções, a criança amplia sua capacidade de regular cognitivamente o próprio comportamento.

3.5 A integração com a terapia cognitivo-comportamental

A TCC integrou os princípios comportamentais e cognitivos em um modelo único. Conforme Beck (2022), o modelo cognitivo postulou que pensamentos, emoções e comportamentos estão inter-relacionados: a interpretação que a pessoa faz de uma situação influencia suas emoções e suas ações. No manejo infantil, o reforço positivo não atua apenas sobre o comportamento visível, mas também sobre os pensamentos que a criança desenvolve sobre si mesma. Uma criança que recebeu reconhecimento por seus esforços pode internalizar crenças de competência e autoeficácia, enquanto uma criança exposta apenas a críticas pode desenvolver crenças de desvalor e desamparo. Leahy (2018) reforçou essa integração ao demonstrar que as técnicas cognitivas e comportamentais são complementares: enquanto a reestruturação cognitiva modifica os pensamentos, a ativação comportamental e o reforço modificam as ações, e ambos os processos se repetem.

Porto et al. (2011) ofereceram a contribuição teórica mais profunda para essa integração: o desamparo aprendido demonstra como histórias de incontrolabilidade geram déficits de aprendizagem sob reforço positivo, o que dialoga diretamente com as crenças de desamparo. A criança que aprendeu que “não adianta tentar” pode deixar de responder a contingências positivas, exigindo intervenções que combinam experiências comportamentais de sucesso com reestruturação cognitiva.

Por fim, Ferreira et al. (2021), Rafihi-Ferreira, Pires e Silvaes (2019), Curvello e Mendes (2020) e Oliveira, Gurtat e Reis (2018) demonstraram, em diferentes

contextos, que o manejo comportamental infantil é mais eficaz quando envolve os cuidadores como agentes de reforço e socialização emocional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender como o reforçamento positivo constitui uma estratégia relevante para o manejo de comportamentos infantis, especialmente quando aplicado de maneira planejada, específica e contingente ao comportamento adequado. Com base nos estudos analisados, verificou-se que elogios, atenção, carinho e outros estímulos valorizados pela criança podem aumentar a frequência de comportamentos desejáveis. Entretanto, o reforçamento positivo não deve ser confundido com suborno ou permissividade, pois sua função é fortalecer respostas adequadas e favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento de novas formas de agir.

Também foi possível observar que a orientação parental ocupou papel central nesse processo. Os cuidadores são responsáveis por aplicar as consequências no cotidiano, organizar rotinas, estabelecer limites e responder às manifestações emocionais da criança. As pesquisas analisadas indicaram que respostas parentais baseadas na validação, no acolhimento, na resolução de problemas e na consistência favoreceram a regulação emocional e a mudança comportamental. Em contrapartida, práticas punitivas, negligentes, inconsistentes ou excessivamente coercitivas podem contribuir para a manutenção de dificuldades emocionais e comportamentais. A mudança de comportamento envolveu a repetição de experiências de aprendizagem, a manutenção das consequências positivas, a substituição de comportamentos inadequados por respostas alternativas e a participação constante dos cuidadores. Os estudos também mostraram que histórias de incontrolabilidade e experiências marcadas por punição podem dificultar a aprendizagem posterior, o que reforça a importância de oferecer à criança oportunidades graduais de sucesso e previsibilidade.

Na perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental, o reforçamento positivo é integrado à compreensão dos pensamentos, das emoções e dos comportamentos. Assim, a intervenção não se limita à modificação da conduta observável, mas também contribuiu para o desenvolvimento da autoestima, da autoeficácia, da compreensão emocional e da autonomia infantil. A orientação parental, nesse

sentido, permitiu que os responsáveis participassem ativamente como colaboradores do processo terapêutico.

Conclui-se que o reforçamento positivo, quando utilizado de forma ética, consistente e adequada às características da criança, pode contribuir para o manejo de comportamentos infantis e para o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais. Contudo, sua aplicação deve considerar a função do comportamento, o contexto familiar, as condições emocionais dos cuidadores e as necessidades individuais da criança. Portanto, a articulação entre família, terapeuta e demais contextos de desenvolvimento é fundamental para que a mudança comportamental seja compreendida, praticada e mantida ao longo do tempo.

5 REFERÊNCIAS

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

CURVELLO, R. P.; MENDES, D. M. L. F. Estratégias de regulação emocional de pais: uma revisão da literatura. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 231-250, 2020.

CZELUSNIAK, C. B.; MORÉ, C. L. O. O.; SANTOS, K. G.; KRENKEL, S. Implicações da prática profissional no acolhimento institucional de crianças: perspectiva de cuidadoras. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 43, e 251630, 2023.

FERREIRA, M. S. S. *et al.* Efeitos da modelação e reforçamento positivo no consumo de frutas em crianças. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 37, e372516, 2021.

FRANCO, M. G. S. C.; SANTOS, N. N. Desenvolvimento da compreensão emocional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 339-348, 2015.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HENRIQUES, C. G. P.; ROSA, E. M.; MERÇON-VARGAS, E. A. Violência emocional intrafamiliar: uma análise bioecológica das repercussões da violência durante o curso de vida. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 36, e230188, 2025.

LEAHY, R. L. **Técnicas de terapia cognitiva: manual do terapeuta**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, B. P. W.; GURTAT, A. K. G.; REIS, A. H. Manejo dos pais frente à expressão de raiva dos filhos. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 23, n. 2, p. 279-293, 2018.

PORTO, T. H. *et al.* Efeitos da exposição a estímulos aversivos e apetitivos incontroláveis sobre o comportamento verbal em contingências de reforço positivo. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 337-343, 2011.

PRADO, C. V. *et al.* Apoio social e prática de atividade física em adolescentes da rede pública de ensino: qual a importância da família e dos amigos? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 4, p. 827-838, 2014.

RAFIHI-FERREIRA, R.; PIRES, M. L. N.; SILVARES, E. F. M. Orientação parental para insônia infantil em irmãos gêmeos: um relato de caso. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, e176715, 2019.

SILVA, L. O.; PESSÔA, L. F. Regulação emocional infantil e avaliação de satisfação e segurança. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 45, e274434, 2025.